

A painting of an elderly man with white hair, wearing a long, dark, heavy coat, standing in a gallery. He is seen from behind, looking out a window on the left. The walls are covered with numerous framed pictures of various sizes, some of which appear to be reproductions of the man's own work. The lighting is dramatic, with a strong light source from the window, creating a sense of depth and atmosphere. The overall style is reminiscent of a classic oil painting.

Andréia de Jesus Cintas Vazquez

A Pintura como Diálogo Interartístico
nas Obras de Machado de Assis

 EDITORA
TODAS AS
MUSAS

Andréia de Jesus Cintas Vazquez

A Pintura como Diálogo Interartístico
nas Obras de Machado de Assis

1ª edição
São Paulo
Todas as Musas
2024

Editor: Flavio Botton
Supervisão Editorial: Fernanda Verdasca Botton
Capa e diagramação: Studio Vintage Br
Andréia de Jesus Cintas Vazquez ©

Conselho Editorial
Cristiana Vasconcelos Rodrigues (Universidade aberta de Lisboa)
Maria do Rosário Lupi Bello (Universidade Aberta de Lisboa)
Sandra Maria Fonseca Leandro de Sousa Neves (Universidade de Évora)

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vazquez, Andréia de Jesus Cintas

A pintura como diálogo interartístico nas obras de
Machado de Assis / Andréia de Jesus Cintas Vazquez. -- 1. ed. -- São
Paulo : Editora Todas as Musas, 2024.

Bibliografia.

ISBN 978-85-9583-133-9

1. Artes visuais 2. Assis, Machado de 1839-1908 Crítica e interpretação 3. Literatura brasileira Crítica e interpretação 4. Pintura I. Título.

24-212724

CDD-869.9309

Índices para catálogo sistemático:

1. Machado de Assis : Literatura brasileira : Crítica e interpretação
869.9309

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

de
33
141
59
72
82
90
01
05
37
47

Prefácio

Maria do Rosário Lupi Bello



É do escritor britânico Joseph Conrad a famosa frase a respeito do objetivo da arte literária: “What I want is to make you see”. Há, de facto, na dimensão concreta da narrativa literária um permanente apelo aos sentidos humanos, com particular destaque para o da visão, como se esta fosse indispensável a um verdadeiro conhecimento do real (pelo menos do real sensível, material). Tal relação entre a palavra e o mundo visual tem sido objeto de reflexão ao longo dos séculos, estando na origem do fenómeno chamado, segundo a etimologia grega, *ekphrasis*, ou “écfrase”, isto é, a descrição verbal e detalhada de objetos físicos, de tal forma que a imagem mental, sugerida pela palavra, se aproxime o mais possível da imagem visual e perceptual proporcionada pelos sentidos, transformando assim o leitor numa espécie de espectador indireto. Mas este movimento pode também ser suscitado no sentido inverso: uma obra pictórica pode estar na origem da criação de uma história, suscitando sentidos que a palavra tentará revelar, através da troca da função do espectador da pintura na do leitor da obra literária. A relação interartes reforça e completa o potencial existente em cada uma das formas artísticas específicas.

Desta aproximação entre as artes já falara Horácio através da famosa expressão “Ut pictura poesis” (“tal como a pintura é a poesia”), e depois dele o poeta grego Simónides de Ceos criou o aforisma que as comparava, “A pintura é poesia muda e a poesia é pintura que fala”. A estes pensadores seguiram-se muitos estudiosos e filósofos, como Edmund Burke e G. E. Lessing, e também muitos artistas, que têm procurado investigar e aprofundar as implicações desta dinâmica interar-

tística e das formas de comunicação que ela estabelece com os receptores, ao mesmo tempo que determinadas épocas têm tentado estabelecer a primazia de uma das formas de arte sobre a outra.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) é considerado o maior escritor do realismo brasileiro e um dos maiores autores de sempre do seu país. O realismo literário caracterizou-se pelo desejo de comunicar, com a maior precisão possível – quase como uma máquina fotográfica ou uma câmara de filmar – aquilo a que um realizador, o russo Andrei Tarkovsky, chamou “os índices [do real] perceptíveis pelos sentidos”. Machado de Assis teve idêntica preocupação, embora alguns dos seus críticos tenham chegado a dizer que ele teria sido demasiadamente parco em descrições, não fornecendo detalhadamente todos esses importantes “índices” visíveis. Porém, um olhar mais atento à sua obra poderá verificar que o escritor, na sua genialidade, encontrou alternativas criativas à pura e simples descrição verbal, não deixando de fornecer os dados necessários à construção dos variados ambientes e atmosferas que permeiam a ação dos seus romances e contos. Uma das estratégias criativas e estilísticas usadas por Machado de Assis foi o frequente recurso à forma pictórica, através da nomeação de quadros famosos que, trazidos à cena verbal, a enriquecem, estimulando a imaginação do leitor.

O trabalho de Andréia Vazquez consistiu precisamente no laborioso levantamento de informação a respeito de cada uma dessas pinturas, frequentemente retratos de figuras históricas, fornecendo dados minuciosos sobre os seus autores, a época da sua criação, as principais características e o lugar onde atualmente se podem encontrar. Ao mesmo tempo, Andréia Vazquez situou cada um dos quadros no con-

texto da obra de Machado, oferecendo ao leitor amante da escrita machadiana um conjunto de indicações de elevado interesse. Obviamente, não é a primeira vez que este tipo de estudo é realizado; porém, Vazquez foi bastante exaustiva na sua investigação e completou algumas lacunas que importava preencher, sublinhando o modo como muitas dessas imagens convocam o “outro” para dentro do texto literário, favorecendo o seu conhecimento mais “direto”: outras pessoas, outros acontecimentos, outras épocas, outras sensibilidades.

A lista dos principais factos e figuras históricos, e não só, trazidos pela via pictórica ao texto de Machado, vai desde a famosa Batalha de Solferino à figura da imperatriz Eugénia, passando pela dramática execução de Mary, rainha dos escoceses, pelas representações iconográficas de São Pedro e São João, sem deixar de referir algumas cenas literárias famosas, como a de Dante e Virgílio no Inferno, retratados por Delacroix em 1822, alguns contributos da mitologia grega, como por exemplo a figura de Vénus, ou mesmo pinturas de pessoas desconhecidas que causaram particular impacto no escritor, como é o caso do quadro de Roberto Fontana, “A Dama do Livro”, de 1882.

Este último exemplo pode levar-nos a pensar no grande poeta italiano Giacomo Leopardi que, um século antes, escreve o poema “Sobre o Retrato duma Bela Dama Esculpido no seu Túmulo”, obra que talvez Machado conhecesse. Embora no caso de Leopardi a referência seja escultórica, a influência que tal imagem teve no poeta italiano pode comparar-se à que a pintura de Fontana exerceu no escritor brasileiro (ao ponto de ser um grupo de amigos a oferecer-lhe o quadro, por perceberem a sua fixação nele): em ambos os casos trata-se da representação visual de figuras femininas que levam os artistas a desenvolver reflexões profundas sobre a vida, o amor, o ciúme, a morte... em

ambos os casos a beleza feminina parece remeter para uma dimensão superior, para o valor último da própria Beleza, dando origem a meditações sobre o drama dessa desproporção existencial que leva o ser humano a desejar o absoluto (o absoluto Amor, a absoluta Beleza, a absoluta Justiça, etc.), reconhecendo-se, no entanto, incapaz de se dar a si próprio tais valores plenos.

Neste sentido, a apropriação interartística, no corpo do texto literário (narrativo ou lírico) de referências visuais, contribui para esse ato de captação e fixação da própria temporalidade, de eternização de instantes precisos, que dessa forma fecundam a sequência textual, inserindo nela uma tensão entre aquilo que passa (os eventos, os acontecimentos referidos ou narrados) e aquilo que fica, ou que se deseja que fique (a imagem esculpida ou pintada). Tal atitude virá, mais tarde, a ter na fotografia a sua realização mais precisa, e por isso vários pensadores – como por exemplo André Bazin, o primeiro grande teórico cinematográfico – falarão do ato fotográfico (semelhante ao ato da pintura) como ato de luta contra a morte, e do ato cinematográfico (mais comparável ao da narrativa literária) como aquele que restituirá ao que passou o seu novo movimento, a sua vida renascida.

A obra machadiana é, a vários títulos, fonte de vida vibrante, que pulsa e se manifesta ao leitor com imaginação, sensualidade, ironia e humor, crítica social e drama, não deixando indiferente quem a encontra. Andréia Vazquez comparou esta capacidade vivificante da literatura (a machadiana e não só), cheia de sugestões visuais e sensoriais, à de uma fonte de água que tudo invade e faz renascer. Quem conhece a Andréia sabe que este trabalho foi feito no meio de intensas agruras pessoais e que, portanto, a imagem desta água que dá vida não é mero símbolo, mas sim realidade concreta e potente, que pode contribuir

para o renascimento de cada dia e para a alegria de cada novo gesto da vida. Ao seu empenho laborioso e à sua força de viver dedico, com amizade, estas breves linhas que tive a honra de poder escrever.

Maria do Rosário Lupi Bello

Lisboa, 13 de junho de 2024